

Itinerários do imaginário contemporâneo: migração, projetos utópicos em ‘Lucy’, de Jamaica Kincaid

Rogério Mendes Coelho*

1*

Resumo: Entre os diversos temas que emergem de maneira crescente em virtude da perspectiva posta, estudos sobre migração ganharam destaque na percepção de um sujeito que passou a relacionar-se – como ator, autor e/ou personagem – com a necessidade de transpor fronteiras na busca por uma cidadania reconhecida em meio a um sentimento de referências globalizantes e/ou globalizadas, uma poética contemporânea. Assim: onde e como situar-se? Onde e como reconhecer-se? A partir da leitura de “Lucy”, romance da escritora Jamaica Kincaid, pretende-se discutir as causas que poderiam levar um sujeito a estabelecer um projeto de deslocamento e discutir o processo de resignificação social que geraram novas vozes e estabeleceram novas relações que contribuíram, por exemplo, para problematizar os paradigmas da Teoria e Crítica Literária e se redimensionasse os critérios da percepção da obra de arte – Ética, Técnica e Poética – incluindo-se, desse modo, a Literatura.

Palavras-Chave: Literatura; Migração; Estudos Culturais

Abstract: Among the many themes that emerge in an increasing because of migration studies perspective brought to prominence in the perception of a guy who has to relate to - as an actor, author and / or character - the need to cross borders in search of a citizenship recognized in the midst of a globalizing feeling of references and / or global, contemporary poetics. So: where and how to lie? Where and how to recognize it? From the reading of

* Professor Assistente 1 responsável pela disciplina Literatura Hispano-americana da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e doutorando em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

“Lucy”, novel by Jamaica Kincaid, intends to discuss the causes that could lead an individual to establish an offset project and discuss the process of reframing social multiplied the agents who brought in new voices and established new relationships that contributed, for example, to question the paradigms of literary theory and criticism and resize the criteria of the perception of the artwork - Ethics, Poetics and Technical - including, in this way, literature.

Keywords: Literature; Migrations; Cultural Studies

Tendências da crítica literária contemporânea alertam para a necessidade de ampliar o estatuto da Literatura além da perspectiva estética em razão de um nova configuração nas relações econômicas, políticas e culturais que se estabeleceram globalmente nas últimas décadas. Em decorrência do gradual processo de resignificação social multiplicaram-se os agentes que geraram novas vozes e estabeleceram novas relações que contribuíram, por exemplo, para problematizar os paradigmas da Teoria e Crítica Literária e se redimensionasse os critérios da percepção da obra de arte – Ética, Técnica e Poética – incluindo-se, desse modo, a Literatura.

Em virtude da valorização do tão somente paradigma estético na percepção da obra literária minimizou-se a importância das prerrogativas éticas que fundamentam a emergência de novas representações – poéticas – que surgem em razão dos diferentes fenômenos e processos que constituem o que se convencionou chamar de uma circunstância contemporânea (Lyotard, 2000; Harvey, 2002; Jameson, 2000; Connor, 2000; Hall, 2000; Bhabha, 2003; Said, 2003). Por tempos cânones – ou metanarrativas, Hutcheon (1991) – fixaram hegemonias que por sua vez imobilizaram especificidades – identidades, espaços e locuções – que definem a base de uma cultura. Não por acaso houve, após a consciência de processos homogeneizantes, a necessidade de experimentar e, conseqüentemente, visitar conceitos como Cultura, História, etnicidade, raça, sexo,

gênero, classe, estado e nação para que se (re)configurasse a pertinência e autoridade de outras realidades e disciplinas que até então haviam sido ignoradas ou não representadas/consideradas na Literatura. Em decorrência disso, não por acaso, ocorrem o surgimento de novos autores e poéticas que reivindicam a viabilidade e legitimidade de espaços mais amplos e democráticos. É dessa maneira que o teor e valor literários necessitam recondicionarem-se a uma viabilidade que se configure não tão-somente na perspectiva do valor estético mas a partir dele proporcionando a valorização da representatividade da ética como forma.

Entre os diversos temas que emergem de maneira crescente em virtude da perspectiva posta estudos sobre migração ganharam destaque na percepção de um sujeito que passou a relacionar-se – como ator, autor e/ou personagem – com a necessidade de transpor fronteiras na busca por uma cidadania reconhecida em meio a um sentimento de referências globalizantes e/ou globalizadas, uma poética contemporânea. Poder-se-ia também compreender o processo como busca por uma cidadania reconhecida no possível encontro da estabilidade – material e espiritual – matizado na vaga idéia de “felicidade”. “Felicidade”, imaginação, apelo utópico que para muitos dos que se deslocam apresenta-se inversamente proporcional às insuficiências sociais que não lhes são garantidas em sua locação de origem. Daí a justificativa, necessidades e projetos que procuram viabilizar dignidade e expansão de quem se desloca situados no devir como alternativa de sobrevivência.

Pensar sobre o deslocamento, uma possibilidade que se vincula a um projeto de realidade alternativa sugere pensar a respeito do que se constitui o espaço para o qual se desloca pois muitas vezes deslocar-se para outro espaço significa habitar outra realidade constituída tão somente das imaginações – expectativas – de quem se desloca. Não por acaso a imaginação norteia-se da imprecisão

de espaços constituídos tão somente da necessidade de quem migra, o que gera conflitos no que diz respeito ao reconhecimento e adaptabilidade do espaço. Desse modo observa-se uma cisão que divide e situa o indivíduo entre uma realidade imaginada, constituída das expectativas de quem se desloca, e outra realidade, sensível, experienciada, constituída de referenciais reconhecíveis, familiares, previsíveis e, portanto, confortáveis. Assim: onde e como situar-se? Onde e como reconhecer-se?

Desse modo, a partir da leitura de “Lucy”, romance da escritora Jamaica Kincaid, pretende-se discutir as causas que poderiam levar um sujeito a estabelecer um projeto de deslocamento. Pois,

(...) the question is not simply about who travels but when, how and under what circumstances (...). If the circumstances of leaving are important, so, too are those of arrival and settling down. How and in what ways do these journeys conclude and intersect in specific places, and specific social conjunctures? How and in what ways is a group or a subject inserted within the social relations of class, gender, racism, sexuality or others axes of differentiation in the country to which it migrates? (BRAH, 1996, p. 182)

O romance de Jamaica Kincaid narra a história de Lucy que, aos dezanove anos de idade, deixa sua Ilha no Caribe e vai trabalhar como *baby sitter*, em Nova Iorque, na casa de uma família comum de classe média americana. O livro, narrado em primeira pessoa, evidencia os conflitos de uma adolescente que se desloca para outro país em busca de melhores condições de vida.

O deslocamento de Lucy é apresentado no romance como possibilidade da protagonista suprir, além de insuficiências materiais e culturais, insuficiências relacionadas a sua afetividade, empreendidas como esperança através de um projeto de deslocamento que é resultado de um desejo/necessidade de mudança por meio de uma imaginação prospectiva por apresentar-se como alternativa “imediata” e possível para redimensionar uma realidade tida como insuficiente.

A harmonia entre as necessidades e esperanças dos indivíduos e dos grupos com as funções que asseguram o sistema não é mais do que uma componente anexa do seu funcionamento; a verdadeira finalidade do sistema, aquilo que o faz programar-se a si mesmo com uma máquina inteligente é a otimização da relação global entre os seus *input* e *output* (LYOTARD, 2004, p. 21)

Nesse sentido, é interessante notar como as motivações que envolvem o processo de deslocamento da protagonista aproximar-se-iam do que motivaria um projeto utópico. Principalmente por ele não se limitar a idealização de um espaço mas de querer materializá-lo promovendo um deslocamento, tornando-o possível, habitando-o: admitindo e conciliando a realidade insuficiente de um espaço de origem com a imaginação de um devir, que fundamentaria o projeto de deslocamento como plano de felicidade, pois,

Um dos traços definidores do mundo contemporâneo é a intensidade e a interligação dos processos sociais; as migrações e diásporas intensificam-se, redefinindo redes e relações internacionais (...). Os motivos das migrações são variados, incluem a busca de melhores opções de vida, causas de ordem econômica e política, medo ante a violência ameaçadora ou outros tipos de razão. (CANCLINI, 2003, p. 153)

No entanto, é preciso ressaltar levando-se em consideração a trajetória de Lucy que um projeto de migração pode desvirtuar-se em seu intuito quando o indivíduo pensa que através da execução de seu projeto reconstituirá as lacunas afetivas e sócio-culturais de seu passado, suas origens. Isso pode ser considerado um equívoco porque na transferência de espaço o lugar para qual se desloca o ator nem sempre assimila o que é considerado afetivamente e culturalmente significativo para o indivíduo que se desloca fazendo com que o projeto de migração distancie-se da idéia previamente concebida encontrando interferências capazes de comprometer a execução do projeto: “Em livros que lera – vez por outra, quando a trama o exigia – alguém era acometido de saudades. Uma pessoa

abandonava uma situação pouco agradável e ia para outro lugar muito melhor e, em seguida, ansiava por voltar para onde não era tão bom” (KINCAID, 1994, p. 2).

Na casa em que Lucy passou a trabalhar, em Nova Iorque, observando as fotografias da família americana para quem trabalhava, ela percebia que “(...) eles sorriam para o mundo. Dando a impressão de que tudo que nele havia era intoleravelmente maravilhoso (...)” (KINCAID, 1994, p. 6). Para a protagonista, o núcleo familiar americano ou o que se estabelece como tradição através desse núcleo tornou-se emblema representativo, a “confirmação” de um espaço idealizado como necessidade pelo “estilo” de vida americano sugerir-se agenciador de uma possível mudança ao proporcionar o distanciamento de vínculos afetivos e culturais indesejáveis e insuficientes de sua realidade-origem e capaz de estimular um novo projeto de vida. Em verdade, uma oportunidade de redimensionar as condições de sobrevivência de acordo com os seus anseios como projeto e promessa de felicidade. No entanto, uma felicidade que dependeria, para legitimar-se e tornar-se real, da negociação entre as expectativas da imaginação de Lucy e as prerrogativas e condicionamentos da nova realidade deslocada. A tensão, o choque na tentativa de negociar as realidades envolvidas e firmar a “ontologia do sujeito” (Heidegger, 2009) fundamentam a representação imaginária de Lucy e literária de Kincaid.

O curioso é que na casa onde Lucy trabalhava não havia indícios suficientemente capazes de justificar e sustentar as prerrogativas de um projeto de migração como felicidade. Pois, a família americana para quem Lucy passou a trabalhar era um exemplo comum de rotinas e dificuldades previsíveis e não o resultado de uma realidade idealizada por alguém. No entanto, para Lucy, as possibilidades de escolhas disponibilizadas pela organização social americana como cultura e o “suporte afetivo” da família para quem trabalhava

apresentavam-se como alternativa “feliz” porque eram capazes de suprimir as memórias de seu passado e viabilizar, enfim, seus anseios como projeto felicidade, transmutando uma perspectiva de futuro que antes se mostrava insuficiente em sua locação de origem para uma cômoda realidade presente do ponto de vista material de um porvir parcialmente materializado.

Em Nova Iorque, era como se Lucy estivesse no lugar “certo” para viabilizar seus anseios. Mas, até que ponto a “nova realidade” experienciada correspondia a uma realidade idealizada? Como, por exemplo, situar Lucy em uma outra família se a mesma era ali uma filha sem mãe; uma irmã sem irmãos; uma empregada com carisma suficiente para agradar e servir os que por ela pagavam um salário e alguns dias de folga por mês? Como se reconhecer e ser reconhecida em um espaço tão díspar, de hábitos e valores tão distintos? Como viabilizar seus sonhos se o que poderia ser compreendido ali como sonho Lucy poderia ter uma compreensão diferente?

A partir desse “estranhamento” como incerteza evidenciaram-se na protagonista lembranças de sua origem e passado que passaram a identificar a sua antiga realidade como “porto-seguro”, proteção diante das diferenças e “estranhamentos” que ameaçavam seu projeto de felicidade. Ao mesmo tempo eram memórias que Lucy tentava evitar porque elas poderiam significar o retorno das relações e experiências mal-sucedidas em sua origem e passado. As memórias poderiam atuar como “fantasmas” em sua rotina e comprometer seu projeto de felicidade. Porém, onde e como acomodar suas memórias, seu passado e seu presente?

Ainda que seja certo que a solidariedade ética para com a parte submergida da experiência das pessoas passe por testemunhar os destroços das histórias e da representação, mediante linguagens suficientemente fiéis à dramaticidade dos sentidos, as marcas destas linguagens devem se trançar com narrativas em curso, para que novas constelações flutuantes consigam recombinar a memória, não

apenas temporalmente, mas também espacialmente, outorgando mutabilidade crítica a uma lembrança do passado que convida a se projetar em novas montagens de vida, em novas poéticas e políticas da experiência e da subjetividade (RICHARD, 2002, p.195).

Como conciliar uma vida e duas realidades, dois mundos tão diversos em prol de um projeto de felicidade que aos poucos se deixava perceber como impressão fugaz? Como entender e conciliar esses lugares e conflitos por vezes tão incompreensíveis e inconciliáveis? As conseqüências são evidentes na voz da protagonista: “Estava à época no auge da minha ambigüidade ou seja, por fora parecia uma coisa, por dentro outra; por fora falsa, por dentro verdadeira” (KINCAID, 1994, p. 9). Diante disso, como poderia Lucy entender e zelar por um sonho que gradualmente se dissolvia em um espaço que não poderia ser reconhecido como sonho por ser apenas uma realidade distinta? Ao mesmo tempo, o que poderia ser estabelecido como parâmetro de realidade para Lucy? Onde situá-la: no delírio de um espaço idealizado possível apenas em devaneios ou na realidade do que se apresenta como espaço “necessário” e estrangeiro? Na negação de um passado? Na afirmação de um projeto-presente como porvir?

É justamente nesses questionamentos, que situam Lucy entre um passado indesejado, um presente conflitante e uma condição otimista, porém, incerta do porvir que gerou na mesma o desconforto de não poder localizar-se e definir-se como ser-presente, resultando em uma realidade e identidade constituída por relações binárias: invenção/ realidade; lembrança/esquecimento; ausência/presença articulando-se como vias que se indeterminam a partir da idéia de “conciliação” com a alteridade. É através dessas circunstâncias que Lucy se (in) define como indivíduo e afirma uma (nova) realidade e condição.

Como as culturas entram em contato por meio dos homens o choque ou a assimilação cultural se faz sempre no seio de um território, a nação, a cidade, o bairro. Dentro desse quadro, o conceito de memória torna-se fundamental para a análise, pois, sabemos que as trocas se fazem

em detrimento do grupo que parte, para se implantar, em condições adversas, em terras estranhas (...). A lembrança é possível porque o grupo existe, o esquecimento decorre de seu desmembramento. Entretanto, para ser vivificada, a memória necessita de uma referência territorial, ela se atualiza no espaço envolvente. (ORTIZ, 2003, p.75)

Mas objetivamente o que lhe causara dispersão? Uma origem? Um destino? Uma imaginação? Um desejo? Necessidades? É possível que tudo ao mesmo tempo porque “tudo que estava experimentando – andar de elevador, estar num apartamento, comer comida da véspera guardada numa geladeira – eram tão boas que dava para imaginar que me acostumara sempre com tudo isso” (KINCAID, 1994, p.2). Justifica-se: “This transmigration is the form taken by a colonial desire, whose attractions and fantasies were no doubt complicit with colonialism itself” (YOUNG, 1995, p. 3). Trata-se de uma situação que foge do controle do indivíduo. Ele assim age porque naturalmente sente a necessidade de melhorias nas suas condições de vida, reconhecendo que a realidade de origem lhe é insuficiente para garantir as condições mínimas de sua sobrevivência. Nota-se, assim, que Lucy apenas reivindica um direito universal e inalienável que se mostra distante da sociedade a que pertencia. Entretanto a motivação material obscurece insuficiências de ordem subjetivas que também motivam e fundamentam o projeto de deslocamento da personagem. É comum observarmos estudos que fundam razões para o empreendimento de um projeto de deslocamento que circunstancializam insuficiências sociais, culturais, econômicas e ignoram a falência das estruturas emocionais que também fundamentam os mesmos projetos de deslocamentos.

O curioso é que esse espaço ideal de sobrevivência torna-se possível apenas através da imaginação, porém, uma imaginação que se apresenta como idéia insuficiente para viabilizar o projeto de deslocamento de Lucy como felicidade, pois, não apreende a complexidade dos mecanismos de funcionamento que sistematizam outra organização social, real. Ao

invés de compreender os mecanismos que fundamentam um sistema real Lucy o desvirtua de sua natureza estrutural localizando-o no plano do impossível idealizando-o. Desse modo, como estabelecer um projeto de migração se se desconhece as condições que fundamentam a realidade de seu destino, um espaço que se apresenta real mas idealizado? É desse modo que a imaginação apresenta-se insuficiente na fundamentação do projeto de deslocamento de Lucy por fazê-la distanciar-se da realidade que se sustenta. Desse modo, a questão substancialmente repercute no fato da protagonista ter imaginado uma realidade porvir enquanto negou uma realidade presente e passada. Como conciliar imaginação e realidade nessas circunstâncias?

No entanto, para a protagonista, essa idealização, apesar de inconciliável com o que se apresenta como realidade torna-se “acessível” como “lugar-feliz” por mobilizá-la a não permanecer no lugar insatisfatório de sua origem, garantindo-lhe as condições mínimas de estabilidade como fora almejado e fundamentando seu projeto de deslocamento. Entretanto, a felicidade seria viável tão somente no plano da idealidade. Porém, um risco: o convívio com esse espaço poderia ser relevante como sobrevivência espiritual e material mas também perigoso se compreendido como a possibilidade de construção de uma “nova origem” que estaria comprometida tão somente com a tentativa de suprimir particularidades genuínas e insuficientes de uma cultura, um outro espaço social, legitimado e apto, uma espécie de “Paraíso” capaz de cooptar indivíduos em detrimentos de sua subjetividade, necessidade, sonhos e anulando identidades; uma espécie de ilusão da geopolítica que se faz recorrente na Literatura do Caribe numa poética e preocupação contemporânea. As conseqüências disso podem provocar no imigrante uma dificuldade de situar-se entre um espaço insuficiente e outro idealizado como “perfeição”, desvirtuando-se como sujeito.

É a impossibilidade de reivindicar uma origem para o Eu dentro de uma tradição de representação que concebe a identidade como satisfação de um objeto de visão totalizante. Ao romper a estabilidade

do ego, expressa na equivalência entre imagem e identidade, a arte secreta da invisibilidade da qual fala a poeta migrante quando muda os próprios termos de percepção da pessoa (BHABHA, 1998, p. 75)

Essa instabilidade sugere ao sujeito que se desloca a ciência de que seu projeto de migração funda-se falho por colocar em xeque o desejo que o mobiliza, por tratar-se de um projeto possível tão-somente na imaginação. A necessidade de adaptar-se a um mundo desconhecido e distante do imaginado compromete e dilui a idéia de perfectibilidade e viabilidade por meio da percepção do que une o real e imaginário: “Agora que vira esses lugares, pareciam comuns, sujos, gastos tantas eram as pessoas que entravam e saíam deles na vida real que me ocorreu que eu não seria a única pessoa no mundo para quem isso tudo seriam temas de devaneio” (KINCAID, 1994, p. 1). O espaço idealizado aos poucos se desfaz e as conseqüências dessa desconstrução revertem a instabilidade do sujeito em uma consciência crítica capaz de redimensionar uma nova razão de sobrevivência. Talvez possamos chamar o despertar dessa nova consciência maturidade.

É a partir dessa consciência que Lucy percebe que o espaço idealizado trata-se apenas de um espaço conveniente às suas necessidades; uma possibilidade de viabilizar seus anseios que antes eram “impossíveis” em sua locação de origem embora ainda repercuta como projeto de felicidade. No entanto, um projeto onde agora seriam visíveis as diferenças e impossibilidades de uma realidade comum que, apesar de deixar de ser concebido como imaginação, ainda apresenta melhores condições para sobrevivência, graças a maturidade da experiência, percepção e consciência de vida.

A emergência do sujeito humano como social e psiquicamente legitimado depende da negação de uma narrativa originária de realização ou de uma coincidência imaginária entre interesse ou instinto individual. Essas identidades binárias, bipartidas, funcionam em uma espécie de reflexo narcíseo do Um no Outro, confrontados na linguagem do desejo pelo processo psicanalítico de identificação. Para

a identificação, a identidade nunca é uma a priori, nem um produto acabado; ela é apenas e sempre o processo problemático de acesso a uma imagem da totalidade (BHABHA, 1998, p. 85)

Isso fica evidente quando, a partir das fragilidades da família para quem trabalhava e de outras relações pessoais estabelecidas Lucy questiona o seu mundo idealizado. “Será que as pessoas em sua condição – ricas, bem instaladas, belas, com o melhor que o mundo tinha a oferecer ao alcance da mão – não conseguiam viver sãs?” (KINCAID, 1994, p. 45). Um questionamento compreensível já que o seu projeto de felicidade e deslocamento não apenas se fundamentava no acesso a possibilidades materiais, mas também afetivas, que não eram possíveis em seu local de origem. E continua:

(...) via um sofá, duas cadeiras e uma parede de livros. Que luxo, pensei, ter uma sala vazia em casa, uma sala de que ninguém realmente precisa. E não é isso que todos no mundo deveriam ter – mais do que precisam ter? não era uma pergunta que fizesse a Mariah, pois, Ela pensava exatamente o contrário. Tinha tudo em excesso, por isso ansiava por ter menos. Menos, tinha certeza, lhe traria felicidade. Para mim era uma piada e um alívio observar a infelicidade que o excesso pode trazer; me habituara tanto a observar os resultados da carência. (KINCAID, 1994, p. 46)

Lucy, em Nova Iorque, consegue sua autonomia, sua independência, concretiza, de certa maneira, o seu projeto de felicidade, ao menos do ponto de vista material. Consegue, enfim, alugar uma casa, ter um trabalho melhor remunerado e a liberdade de fazer, realmente, o que desejava. Uma condição idealizada que, por muito tempo, pensara ser suficiente. No entanto, tudo isso lhe parecia agora melancólico, vazio, por constatar que a realidade antes não fora promessa de felicidade. Nesse momento as razões afetivas ganham outra dimensão: tão importante quanto a dimensão material que tivera antes. Inclusive, a consciência de que o que a motivara como projeto não estava relacionado, de fato, com questões materiais de sobrevivência. Vejamos como isso se apresenta na narrativa, quando Lucy vai a um Museu, quando lembrou da Mãe e aos que estariam vinculados a seu passado afetivo negado e que impulsionou o estabelecimento de seu projeto de migração.

(...) tinha querido que visse quadros pintados por um homem, um francês, que atravessava meio mundo para ir viver em um lugar e pintara quadro de pessoas que encontrou por lá. Fora banqueiro e vivia uma vida confortável com a esposa e os filhos, mas isso não o fazia feliz; por fim ele os abandonaria e fora pra outro mundo, onde se sentiu mais feliz – não sei era a intenção de Mariah, mas imediatamente me identifiquei com os anseios desse homem; compreendia que alguém achasse o lugar onde nascera uma prisão insuportável e quisesse algo completamente diferente daquilo que lhe era familiar, mesmo sabendo que ele representa um porto seguro. Pus-me a imaginar os detalhes de seu desespero, pois sentia que me consolaria conhecer. Naturalmente sua vida podia ser encontrada nas páginas de um livro; começara a reparar que as vidas dos homens sempre são. Era descrito como um homem que se rebelou contra a ordem estabelecida por achá-la corrompida; e embora estivesse destinado a fracassar – morreu ainda jovem – trazia em torno de si a aura de herói. Eu não era homem; era uma moça nascida nos confins do mundo, e quando parti da minha terra atirava sobre os ombros o meu manto de serviçal (KINCAID, 1994, p. 50)

Com isso, Lucy, enfim, percebe que para construir uma nova realidade não precisaria desconstruir uma realidade anterior. Percebe ainda que não consegue romper com seu passado, pois, enquanto houvesse memória haveria um passado e uma relação afetiva com o que foi vivido. Mais: enquanto houvesse passado haveria amor por razões que não saberia explicar. Por isso, até que ponto seria legítimo o desejo de ruptura com seu passado?

Lucy percebe, definitivamente aos poucos que, a aquisição de melhores condições materiais em sua sobrevivência não era suficiente para estabelecer/manter um projeto de felicidade. Havia outras questões que motivariam a sua felicidade. O amor poderia ser reconhecido como uma delas já que a mobilizara e estaria presente onde quer que estivesse. O amor que foi impossibilitado em suas relações anteriores, em seu local de origem, por não ser conivente com seus anseios de necessidade e liberdade e que em Nova Iorque poderia ser possível porém, Lucy descobriu que Nova Iorque não passou da extensão de ausências afetivas que continuavam a ser sentidas. Por isso, sua vida não era uma “nova vida” como imaginara e sim, a continuidade de uma antiga, também

ausente do amor. Felicidade e infelicidade independeria de espaços. Os sonhos, presentes na imaginação de cada indivíduo representam a força mobilizadora que tornam possíveis realidades e transformações no mundo sensível, em todo espaço e qualquer realidade, e constituem a idéia de progresso e desenvolvimento. O ser humano é responsável por reparar e construir realidades. Mas não se deve esperar que as realidades constituídas sejam motivos suficientes para reparar e construir realidades interiores ou sonhos do indivíduo, como fez Lucy.

A imaginação é para a sociedade o que os sonhos são para os indivíduos. Em toda utopia, trabalho artístico, fantasia religiosa e ritual mágico, a sociedade fala de seus sentimentos ocultos. Fala de suas frustrações e aspirações, e ainda desvela os seus anseios reprimidos, os quais não podem ser articulados em linguagem comum. Como os sonhos, à primeira vista parecem sem sentido. Tentando chegar-se aos seus significados por meio da lógica do senso comum, tudo o que se consegue obter é a falta de sentido (ALVES, 1986, p. 87)

Um dia, ao encontrar-se sozinha em casa, em sua nova e almejada vida, independente e madura, ao encontrar a folha de um caderno em branco escreve: “(...) gostaria de ser capaz de amar alguém a ponto de morrer de amor” (KINCAID, 1994, p. 89), razão imprescindível de estabelecer um projeto de migração como felicidade que foi ocultado pelo equívoco de pensar que a necessidade espiritual do amor poderia ser substituída ou ocultada por aquisições ou transposições materiais.

Referências

_____. *Culturas, Contextos e Contemporaneidade*. IN: *Revisões Culturais: entre-lugares, diferenças e identidades-em-processo*. Seminário ABRALIC Norte/Nordeste (Anais). Maceió: Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA): EDUFBA, 1999. pp. 417-427.

ALVES, Rubem. *A Geração do Futuro*. Campinas: Papyrus, 1986.

BERND, Zilá; GRANDIS, Rita de (org.). *Imprevisíveis Américas*. Questões de Hibridização Cultural. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto: ABECON, 1995.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London/New York: Routledge, 1996.
- CANCLINI, Néstor Garcia (org). *Culturas da Ibero-América: Diagnósticos e Propostas para seu Desenvolvimento*. São Paulo: Moderna, 2003.
- CLIFFORD, James. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. London; New York: Routledge, 1997.
- CONNOR, Steven. *Teoria e Valor Cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Syela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (Org.) Trad. Adelaine La Guardia Resende; Ana Carolina Escosteguy; Claudia Alvares e ali. Belo Horizonte: Editora da UFMH, 2006.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna. Uma Pesquisa sobre as Origens das Mudanças Culturais*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Syela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo ou a Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- KINCAID, Jamaica. *Lucy*. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
- LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções Críticas: Arte, Cultura, Gênero e Política*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- WALTER, Roland. *Afro-América. Diálogos Literários na Diáspora Negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.
- YOUNG, Robert J.C. *Colonial Desire: Hybrity in Theory, Culture and Race*. London; New York: Routledge, 1995.